

## Perfil Epidemiológico dos Pacientes com Sífilis Congênita no Município de Porto Velho - RO

Epidemiological Profile of Patients with Congenital Syphilis in the Municipality of Porto Velho, RO  
Perfil Epidemiológico de los Pacientes con Sífilis Congênita en el Municipio de Porto Velho, RO

### RESUMO

**Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico da sífilis congênita em Porto Velho entre 2021 e 2023. **Método:** Estudo ecológico, descritivo e retrospectivo, baseado em dados secundários públicos do sistema nacional de notificações. Foram incluídos todos os casos registrados no período. **Resultado:** Foram identificados 63 casos de sífilis congênita, com variação anual e maior ocorrência em 2022. A distribuição temporal sugeriu instabilidade no controle da transmissão vertical e possíveis falhas no cuidado pré-natal e no acompanhamento das gestantes. **Conclusão:** Os resultados evidenciam a persistência da sífilis congênita como importante desafio para a saúde materno-infantil em Porto Velho. Observou-se necessidade de aprimorar ações de rastreamento, tratamento oportuno e vigilância epidemiológica, além de fortalecer políticas que enfrentam determinantes sociais associadas ao agravio. O estudo aponta lacunas que podem orientar futuras pesquisas sobre qualidade do pré-natal e barreiras de acesso aos serviços de saúde. **DESCRIPTORIOS:** Sífilis Congênita; Epidemiologia; Saúde Materno-Infantil; Vigilância Epidemiológica; Transmissão Vertical de Doença.

### ABSTRACT

**Objective:** To analyze the epidemiological profile of congenital syphilis in Porto Velho between 2021 and 2023. **Method:** Ecological, descriptive and retrospective study using publicly available secondary data from the national notification system. All confirmed cases reported during the period were included. **Result:** A total of 63 cases were identified, with temporal fluctuation and a peak in 2022. The pattern observed suggests instability in the control of vertical transmission and possible weaknesses in prenatal follow-up, maternal care and surveillance activities. **Conclusion:** The findings indicate that congenital syphilis remains a significant challenge for maternal and child health in Porto Velho. The study reinforces the need to strengthen early testing, timely treatment, continuous surveillance and actions addressing social determinants associated with the condition. The investigation also highlights gaps related to information quality and access to care, which may guide future research focused on prenatal services and barriers within the local health system.

**DESCRIPTORS:** Congenital Syphilis; Epidemiology; Maternal and Child Health; Epidemiological Surveillance; Vertical Transmission of Disease.

### RESUMEN

**Objetivo:** Analizar el perfil epidemiológico de la sífilis congênita en Porto Velho entre 2021 y 2023. **Método:** Estudio ecológico, descriptivo y retrospectivo basado en datos secundarios públicos del sistema nacional de notificación. Se incluyeron todos los casos confirmados registrados en el período. **Resultado:** Se identificaron 63 casos, con variación temporal y mayor frecuencia en 2022. El comportamiento observado sugiere inestabilidad en el control de la transmisión vertical y posibles debilidades en el seguimiento prenatal, la atención materna y las actividades de vigilancia. **Conclusión:** Los hallazgos indican que la sífilis congênita sigue siendo un desafío importante para la salud materno-infantil en Porto Velho. El estudio refuerza la necesidad de fortalecer la detección temprana, el tratamiento oportuno, la vigilancia continua y las acciones dirigidas a los determinantes sociales relacionados con el agravio. También se identifican vacíos que pueden orientar futuras investigaciones sobre el prenatal y las barreras de acceso al sistema de salud local.

**DESCRIPTORIOS:** Sífilis Congênita; Epidemiología; Salud Materno-Infantil; Vigilancia Epidemiológica; Transmisión Vertical de Enfermedad.

RECEBIDO EM: 28/02/2026 APROVADO EM: 01/03/2026

Como citar este artigo: Santos PF, Paula AA, Pereira BG, Barros MB, Teixeira LR, Branco Junior AG. Perfil Epidemiológico dos Pacientes com Sífilis Congênita no Município de Porto Velho - RO. Saúde Coletiva (Edição Brasileira) [Internet]. 2026 [acesso ano mês dia];17(107):19972-19981. Disponível em: DOI: 10.36489/saudecoletiva.2026v17i107p19972-19981

**Pahola Fonseca dos Santos**

Discente do curso de Medicina do Centro Universitário São Lucas - Afya.  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4234-0181>

**Amanda Antunes de Paula**

Discente do curso de Medicina do Centro Universitário São Lucas - Afya.  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6885-9880>

**Beatriz Gago Pereira**

Discente do curso de Medicina do Centro Universitário São Lucas - Afya.  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7781-8299>

**Maikon Barbosa Barros**

Discente do curso de Medicina do Centro Universitário São Lucas - Afya.  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6278-7659>

**Laiane Reis Teixeira Médica**

Especialista em Pediatria. Docente do Centro Universitário São Lucas - Afya.  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5236-3782>

**Arlindo Gonzaga Branco Junior Médico**

Mestre em Medicina de Família e Comunidade - Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Doutor em Biodiversidade e biotecnologia - FIOCRUZ/RO  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4821-8677>

## INTRODUÇÃO

A sífilis congênita é uma infecção causada pela transmissão vertical da bactéria *Treponema pallidum*, ocorrendo durante a gestação ou no momento do parto. Trata-se de um agravo que persiste como desafio global de saúde pública, apesar da disponibilidade de métodos diagnósticos eficazes e tratamento de baixo custo. No cenário mundial, a Organização Mundial da Saúde (World Health Organization - WHO) alerta que a eliminação da transmissão vertical permanece distante, especialmente em regiões com desigualdades estruturais e dificuldade de acesso a serviços de saúde reprodutiva<sup>1</sup>.

No Brasil, a doença apresentou crescimento significativo nas últimas décadas, evidenciando falhas no cuidado pré-natal, na cobertura de tratamento dos parceiros sexuais e na vigilância epidemiológica. O Ministério da Saúde destaca que, embora haja avanços nos métodos diagnósticos e na ampliação das estratégias de rastreamento, a sífilis congênita ainda revela taxas elevadas de morbidade neonatal e desfechos ad-

versos à gestação, como prematuridade, baixo peso ao nascer e mortalidade perinatal<sup>2</sup>. Estudos nacionais mostram que regiões economicamente vulneráveis apresentam maior incidência da infecção, consequência de barreiras sociais, dificuldades de acesso ao pré-natal e lacunas no acompanhamento materno<sup>3</sup>. Pesquisas internacionais reforçam que a persistência da doença está diretamente associada a desigualdades sociais, atraso no diagnóstico e tratamento inadequado durante a gravidez<sup>4</sup>.

No cenário amazônico, o município de Porto Velho apresenta desafios particulares devido às barreiras geográficas e socioeconômicas que impactam o acesso aos serviços de saúde. Dados recentes do Boletim Epidemiológico Municipal (2025) indicam um crescimento acentuado nas notificações de sífilis adquirida e em gestantes no triênio 2021-2023<sup>5</sup>. Este incremento nas taxas de incidência pode estar associado à desestruturação dos serviços de saúde durante a pandemia de COVID-19, que resultou em diagnósticos tardios e falhas no tratamento oportuno das gestantes e de seus parceiros sexuais<sup>6</sup>. Diante desse

panorama, torna-se imperativo analisar as variáveis sociodemográficas e clínicas que caracterizam esses pacientes, a fim de subsidiar políticas públicas mais eficazes de controle e prevenção.

Portanto, o presente estudo tem como objetivo analisar o perfil epidemiológico da sífilis congênita em Porto Velho entre os anos de 2021 e 2023, descrevendo as principais características maternas e os desfechos neonatais registrados no sistema de vigilância epidemiológica.

## MÉTODO

Foi realizado um estudo ecológico, descritivo e retrospectivo, com abordagem quantitativa, utilizando dados secundários provenientes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). As bases foram acessadas conforme a legislação vigente sobre transparência pública, garantindo a obtenção de informações oficiais referentes aos casos de sífilis congênita notificados no município de Porto Velho,

Rondônia.

Foram incluídos todos os casos registrados entre 2021 e 2023 que apresentavam fichas completas com dados maternos e neonatais. As variáveis analisadas abrangeram idade materna, escolaridade, raça ou cor, local de residência, tipo de parto e evolução clínica do recém-nascido. Registros duplicados, incompletos ou inconsistentes foram excluídos, assim como notificações referentes a gestantes que não realizaram ou não concluíram o tratamento, assegurando a consistência da análise.

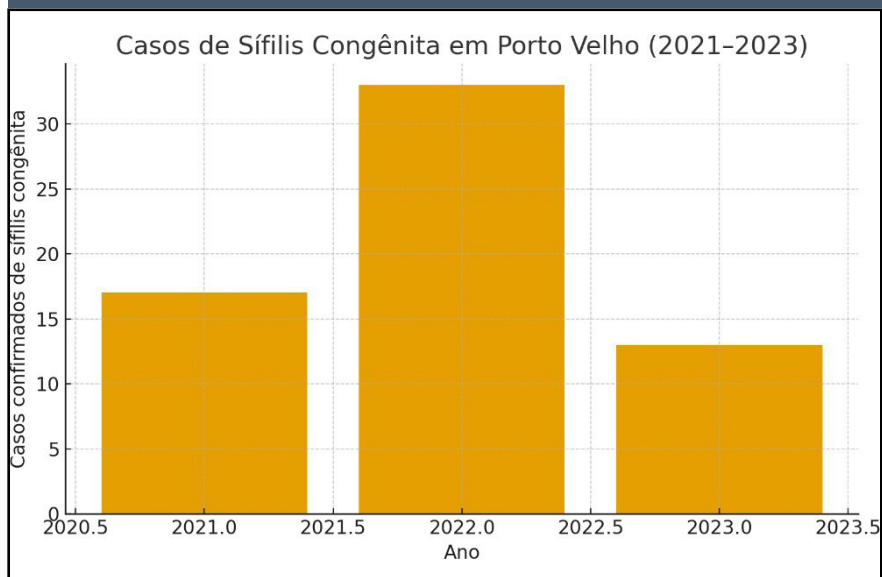
Após a seleção dos casos, foram calculadas as taxas de morbimortalidade e descritas as características epidemiológicas observadas. A interpretação dos achados considerou os princípios da Epidemiologia Social, permitindo relacionar os padrões encontrados às desigualdades estruturais que influenciam a saúde da população do território estudado.

Por se tratar de dados secundários, de domínio público e sem identificação individual, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, em conformidade com as diretrizes da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde.

## RESULTADOS

Foram identificados 63 casos confirmados de sífilis congênita no município de Porto Velho, Rondônia, no período de 2021 a 2023, conforme registros disponibilizados pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação. Observou-se variação anual no número de notificações, com 17 casos em 2021, aumento expressivo para 33 casos em 2022 e redução para 13 casos em 2023.

Figura 1- Casos de Sífilis Congênita em Porto Velho (2021–2023)



Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) – DATASUS, 2025.

A distribuição temporal indicou um acréscimo de aproximadamente 94 por cento entre 2021 e 2022, seguido de queda de 60,6 por cento entre 2022 e 2023. Apesar da diminuição no último ano analisado, os resultados evidenciaram instabilidade no padrão de ocorrência da sífilis congênita no município, sugerindo oscilações na transmissão vertical, na qualidade do pré-natal ou na sensibilidade da vigilância epidemiológica. Os valores consolidados apontam para a persistência da sífilis congênita como importante agravo de saúde pública em Porto Velho, reforçando a necessidade de monitoramento contínuo e intervenções voltadas à prevenção, diagnóstico precoce e tratamento adequado das gestantes.

No triênio compreendido entre 2021 e 2023, o município de Porto Velho registrou uma trajetória ascendente nos indicadores de sífilis. A sífilis adquirida apresentou um crescimento expressivo de 74%, saltando de 536 casos em 2021 para 933 em 2023<sup>5</sup>. Esse incremento reflete diretamente na saúde materno-infantil,

com as notificações de sífilis em gestantes elevando-se de 215 para 393 registros no mesmo período, evidenciando desafios persistentes na eficácia do pré-natal e na interrupção da cadeia de transmissão vertical<sup>5,7</sup>.

A caracterização das variáveis revelou que a vulnerabilidade social desempenha um papel determinante na evolução clínica dos casos. A análise dos dados maternos demonstrou uma predominância de mulheres jovens, de cor parda e com baixa escolaridade, fatores que correlacionam-se com o aumento dos casos de sífilis congênita, que atingiram 50 notificações em 2023<sup>5,6</sup>. A complexidade do cenário é agravada pelo fato de que a maioria dos recém-nascidos apresenta-se assintomática ao nascimento, exigindo um rigoroso acompanhamento pós-natal para evitar sequelas tardias decorrentes da infecção não tratada<sup>5</sup>. Cabe ressaltar que, embora análises preliminares em bases de dados secundárias pudessem sugerir um quantitativo inferior, o Boletim Epidemiológico Sífilis 2025, publicado pela Secretaria Municipal de Saúde de Porto Velho (SEMUSA), aponta uma realidade mais severa: foram confir-

mados 133 casos de sífilis congênita no triênio estudado, sendo 40 casos em 2021, 43 em 2022 e um pico de 50 notificações em 2023. Essa divergên-

cia nos números reforça a importância da atualização constante dos sistemas de vigilância e indica que a magnitude da transmissão vertical no município

pode ser maior do que o inicialmente reportado, evidenciando uma tendência de crescimento contínuo de 25% no período.

**Figura 2 - Panorama Epidemiológico e Perfil da Sífilis em Porto Velho (2021-2023)**

Categoria	Variável	Indicador / 2021	2022	2023	Tendência Observada
Volume de Casos	Sífilis Adquirida	536	781	933	Crescimento de 74%
	Sífilis Gestante	215	315	393	Crescimento de 82,8%
	Sífilis Congênita	40	43	50	Crescimento de 25%
Perfil Materno	Faixa Etária Predominante	20-29	20-29	20-39	Concentração em idade fértil
	Raça/Cor (Parda)	~70%	~74%	~79%	Grupo com maior vulnerabilidade
	Escolaridade (Fund. Incompleto)	Alta	Alta	Alta	Correlação com pré-natal tardio
Desfecho	Evolução RN (Assintomático)	Estável	Estável	Estável	Majoria nasce sem sintomas imediatos

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Porto Velho (2025)<sup>5</sup>; Pereira et al. (2025)<sup>7</sup>; Kisner et al. (2021)<sup>6</sup>.

## DISCUSSÃO

A oscilação observada nos casos de sífilis congênita em Porto Velho acompanha tendências nacionais descritas na literatura, indicando que a persistência do agravo está associada às desigualdades sociais e à fragilidade da atenção pré-natal. Em estudo ecológico nacional, Costa et al.<sup>8</sup> demonstraram que a incidência de sífilis congênita é maior em municípios com menor acesso a testagem, tratamento e acompanhamento de gestantes, reforçando que o cuidado pré-natal é um determinante central para o controle da transmissão vertical. Essa desigualdade é corroborada por Marques dos Santos et al.<sup>9</sup> que identificaram aumento progressivo da sífilis congênita no Brasil entre 2007 e 2017, impulsionado por falhas estruturais no sistema de vigilância e na cobertura do pré-natal.

Na região Norte, estudos revelam que a sífilis congênita permanece mais prevalente em cenários de vulnerabilidade socioeconômica, baixa escolaridade materna e dificuldade de acesso aos serviços de saúde, condições verificadas

em municípios amazônicos similares a Porto Velho<sup>10</sup>. Análises espaciais ao longo de uma década mostram que áreas com pior saneamento e maior desigualdade apresentam maiores concentrações da doença, evidenciando a influência dos determinantes sociais de saúde<sup>11</sup>.

A literatura também alerta que reduções pontuais no número de casos podem refletir oscilações na notificação e não necessariamente melhora epidemiológica. Rodrigues et al.<sup>12</sup> demonstraram importante subnotificação de sífilis congênita em sistemas de vigilância brasileiros, especialmente em regiões com menor estrutura operacional. De forma semelhante, Amaral et al.<sup>13</sup> observaram dificuldade de detecção precoce e inconsistências no registro, fatores que podem mascarar a real magnitude do problema.

Além disso, falhas no tratamento de parceiros sexuais e a dificuldade de garantir o tratamento completo da gestante continuam entre os principais fatores que perpetuam a transmissão vertical, conforme apontado por Abrão et al.<sup>14</sup>. Estudos internacionais reforçam esse cenário: Korenromp et al.<sup>15</sup> demonstraram que atrasos no diagnóstico e na terapêutica explicam boa parte dos

casos evitáveis de sífilis congênita no mundo, enquanto Bowen et al.<sup>16</sup> destacam que a coordenação das ações de vigilância é fundamental para reduzir desfechos adversos.

Diante desse conjunto de evidências, os resultados observados em Porto Velho provavelmente refletem não apenas mudanças reais na incidência, mas também diferentes níveis de eficiência diagnóstica, cobertura de pré-natal e capacidade de vigilância ao longo dos anos. A persistência da doença indica necessidade urgente de fortalecer estratégias de educação em saúde, ampliar testagem em múltiplos momentos da gestação, assegurar tratamento adequado de gestantes e parceiros, e aprimorar a integração entre atenção primária e vigilância epidemiológica.

Entre as limitações do estudo, destaca-se a utilização de dados secundários, sujeitos a subnotificação e preenchimento incompleto, problema amplamente reconhecido na literatura sobre sífilis congênita no Brasil<sup>17</sup>. Essas limitações reduzem a precisão da análise e impedem avaliação de variáveis clínicas mais detalhadas, embora não comprometam a capacidade do estudo de identificar tendências relevantes para o planejamento em saúde.

## CONCLUSÃO

O estudo permitiu analisar o perfil epidemiológico da sífilis congênita em Porto Velho no período de 2021 a 2023, evidenciando variações anuais na ocorrência do agravo e revelando fragilidades no cuidado pré-natal, na vigilância epidemiológica e no enfrentamento dos determinantes sociais de saúde. A oscilação identificada sugere que ações pontuais não têm sido suficientes para garantir a interrupção contínua da transmissão vertical, reforçando a necessidade de estratégias permanentes de

rastreamento, acompanhamento e tratamento adequado das gestantes e seus parceiros.

Os achados demonstram que a sífilis congênita permanece como importante indicador das desigualdades estruturais que impactam a saúde materno-infantil na região. A análise aponta lacunas relacionadas à qualidade de preenchimento das fichas de notificação, continuidade do cuidado, integração entre atenção primária e vigilância, além da ausência de informações clínicas mais detalhadas que permitam compreender de forma abrangente os fatores associados aos

desfechos neonatais. Tais limitações indicam a necessidade de investigações futuras que explorem variáveis sociais, territoriais e clínicas com maior profundidade, bem como estudos que avaliem a efetividade das políticas públicas implementadas e os impactos das estratégias de educação em saúde. Há também potencial para pesquisas que examinem barreiras enfrentadas por gestantes e profissionais de saúde, contribuindo para o desenvolvimento de intervenções mais sensíveis às realidades locais.

## REFERÊNCIAS

1. Heath K, Alonso M, Aguilar G, Samudio T, Korenromp E, Rowley J, et al. WHO method for estimating congenital syphilis to inform surveillance and service provision, Paraguay. *Bull World Health Organ.* 2022;100:231–236. doi:10.2471/BLT.20.271569
2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Boletim epidemiológico: sífilis 2023. Brasília: Ministério da Saúde; 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2023/boletim-epidemiologico-de-sifilis-numero-especial-out.2023>. Acesso em: 2 mar 2025.
3. Costa GMF, et al. Incidência e prevalência da sífilis congênita: uma análise epidemiológica comparativa entre as regiões Norte e Sudeste do Brasil (2019–2023). *Braz J Implantol Health Sci.* 2024;6(4):877–886.
4. Korenromp EL, Kaur M, Williams BG, et al. Global burden of congenital syphilis and progress toward elimination: updated estimates. *The Lancet Global Health.* 2022;10(1):e78–e87.
5. Porto Velho. Secretaria Municipal de Saúde. Boletim epidemiológico: sífilis 2025. Porto Velho: Secretaria Municipal de Saúde (SEMUSA), Departamento de Vigilância em Saúde (DVS), Divisão de Vigilância Epidemiológica (DVE); 2025.
6. Kisner JGM, et al. Perfil epidemiológico dos casos notificados de sífilis congênita no município de Porto Velho entre os anos de 2010 a 2020. *Rev Eletr Acervo Saude.* 2021.
7. Pereira AR, et al. Perfil epidemiológico dos casos de sífilis adquirida no estado de Rondônia entre 2017 e 2022. *Caderno Pedagógico.* 2025;22(1).
8. Costa IB, Pereira DS, Almeida JR, et al. Congenital syphilis, syphilis in pregnancy and prenatal care in Brazil: a national ecological study. *PLoS One.* 2024;19(4).
9. Marques dos Santos M, et al. Trends of syphilis in Brazil: a growth portrait of the treponemic epidemic, 2007–2017. *PLoS One.* 2020;15(4):e0231029. doi:10.1371/journal.pone.0231029
10. Ribeiro EA, Araújo ENS, Barros LS. Epidemiological overview of gestational and congenital syphilis in a health region in the Brazilian Amazon. *Rev Enferm UFPI.* 2025;14(1). Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/6280>. Acesso em: 6 dez 2025.
11. Dantas JC, Moura FR, Souza AF, et al. Temporal trend and spatial distribution of congenital syphilis in Brazil, 2008–2018. *Front Pediatr.* 2023;11.
12. Rodrigues NC, Filgueiras LA, Souza RM, et al. Quality of congenital syphilis reporting and factors associated with underreporting in Brazil. *PLoS One.* 2023;18(2).
13. Amaral JV, Ferreira RR, Lima CAP, et al. Analysis of congenital syphilis in northeastern Brazil: trends and prenatal care quality. *Epidemiologia.* 2021. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/epidemiologia/article/view/15949>. Acesso em: 6 dez 2025.
14. Abrão RM, Mendes ETC, Pinheiro DIA, et al. Epidemiological analysis of congenital syphilis in Brazil, 2019–2022. *Rev Med (São Paulo).* 2024;103(4):e226709. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistadc/article/view/226709>. Acesso em: 6 dez 2025.
15. Korenromp EL, Kaur M, Williams BG, et al. Global burden of congenital syphilis and progress toward elimination: updated estimates. *Lancet Glob Health.* 2022;10(1):e78–e87.
16. Bowen V, Miller K, Torres LJ, et al. Congenital syphilis: a continuing public health challenge. *Clin Infect Dis.* 2023;76(4):678–685.
17. Dorneles JSU, Braga LD, Martins MA, et al. O desafio da sífilis congênita no Brasil. *Braz J Health Rev.* 2023;6(3). Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/56773>. Acesso em: 6 dez 2025.